
O desemprego em Portugal: Alguns exemplos para reflexão

Marinús Pires de Lima¹ e Marta Sofia Lino²

Esta comunicação constitui uma síntese de um estudo realizado no âmbito do *Observatório Europeu da Mudança*, financiado pela Comissão Europeia e apresenta, além das últimas estatísticas referentes ao emprego em Portugal, vários casos actuais de falências e de reestruturações de empresas que, a pretexto de deslocalização da sua produção ou de processos de reestruturação, encerraram e abandonaram as suas unidades produtivas, desviaram equipamento, deixaram de pagar salários e despediram os seus trabalhadores, mesmo em situações em que não existia crise de produção.

O objectivo da presente comunicação será a análise da evolução do desemprego e, consequentemente, dos despedimentos em Portugal de Julho de 2003 a Março de 2004 (nove meses).

A metodologia utilizada baseia-se na análise de fontes documentais (leitura de jornais diários e semanários), dados estatísticos (Instituto Nacional de Estatística, Instituto de Emprego e Formação Profissional, estudos da Coface Mope e FESETE) e em entrevistas a informantes privilegiados.

A evolução recente do desemprego

De maneira a conhecer-se a evolução recente do desemprego, em termos quantitativos, apresenta-se, de seguida, um conjunto de quadros estatísticos apoiados em duas fontes de informação – os registos do Instituto Nacional de Estatística (INE) e do Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP).

Evolução da Taxa de desemprego de 1992 a 2003 (Fonte: INE, Inquérito ao Emprego)

Ano	Taxa de desemprego
1992	4,1%
1993	5,5%
1994	6,8%
1995	7,2%
1996	7,3%
1997	6,7%
1998	5,0%
1999	4,5%
2000	4,1%
2001	4,2%
2002	5,1%
2003	6,4%

A taxa de desemprego apresenta um carácter contra-cíclico, o que significa que diminui quando a actividade económica se expande e aumenta em períodos de recessão.

¹ Investigador Principal do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Professor do ISCTE

² Assistente de Investigação do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa; Doutoranda em Sociologia no ISCTE

Como se pode observar, a taxa de desemprego aumentou de 1992 a 1996. A partir de 1997, a descida da taxa de desemprego tem vindo a fazer-se de forma progressiva, ou seja, depois de atingir os 7,3% em 1996, tem vindo a registar decréscimos contínuos, alcançando em 2000 um valor idêntico ao de 1992, ou seja, 4,1%. A partir de 2001, verifica-se, novamente, o aumento da taxa de desemprego.

Taxa de desemprego nacional em 2003 (Fonte: Instituto Nacional de Estatística)

Trimestre de 2003	Desempregados	Taxa de desemprego nacional
1º Trimestre	347.200	6,4%
2º Trimestre	336.100	6,2%
3º Trimestre	338.300	6,3%
4º Trimestre	356.500	6,6%

Segundo os dados do INE, a taxa de desemprego média anual nacional referente a 2003, foi de 6,4% da população activa, correspondendo a 344.500 desempregados.

Desemprego registado (Fonte: Instituto de Emprego e Formação Profissional)

Mês	Desemprego registado
Janeiro de 2003	402.602
Fevereiro de 2003	412.497
Março de 2003	421.058
Abril de 2003	423.595
Mai de 2003	418.538
Junho de 2003	414.145
Julho de 2003	419.375
Agosto de 2003	420.891
Setembro de 2003	440.668
Outubro de 2003	447.917
Novembro de 2003	453.727
Dezembro de 2003	452.542
Janeiro de 2004	464.450
Fevereiro de 2004	467.540
Março de 2004	471.089

Os 113.024 despedimentos (unilaterais e por mútuo acordo) verificados em 2003 contribuíram para cerca de um quarto do número de desempregados registados nos centros do Instituto de Emprego e Formação Profissional, em Dezembro de 2003 (452.542). São quase mais 20 mil (+ 20,5%) que em 2002 (93.773)³. Os despedimentos unilaterais são, só por si, a segunda maior causa do desemprego, logo a seguir ao fim de trabalho não permanente (contratos a prazo). Por sua iniciativa, os patrões despediram 79.670 pessoas em 2003, suplantando o mútuo acordo (33.354). Os unilaterais sofreram um acréscimo de 19% de 2002 para 2003 e os despedimentos por mútuo acordo aumentaram 24,4%.

³ Araújo, Pedro (2004), "Empresas despediram mais de 100 mil em 2003" in *Jornal de Notícias*, 15 de Fevereiro de 2004

No final do mês de Março de 2004, o número de desempregados registados nos Centros de Emprego do Continente e Regiões Autónomas, ascendia a 471.089. Relativamente ao mês homólogo de 2003, o número de desempregados registou um aumento de 50.031 (+ 11,9%) indivíduos⁴.

Perfil do desempregado (Fonte: Boletim mensal do Instituto de Emprego e Formação Profissional)

	Fevereiro de 2003	Fevereiro de 2004
N.º total de desempregados	412.497	467.540
Homens	174.077	202.634
Mulheres	238.420	264.906
Menos de 25 anos	70.895	74.757
Mais de 25 anos	341.602	392.783
Sem instrução	26.853	27.914
1º ciclo	137.435	154.331
2º ciclo	86.617	97.165
3º ciclo	66.470	75.411
Ensino secundário	65.402	74.107
Ensino superior	29.720	38.612

Falências

No que respeita a falências, o ano de 2003 foi o pior ano da última década, com um aumento de 137%. No global, 2.980 empresas fecharam as suas portas, contra 2.092, em 2002, e 1.919 no ano anterior. Os dados da *Coface Mope – Serviços de Informação e Gestão de Cobranças*⁵ revelam que do total apurado em 2003, 1.269 empresas viram ser declarada a falência e 1.404 requereram este estatuto. Das acções de falência entradas nos tribunais, apenas 200 se referem a processos de recuperação, contra 115 pedidos de recuperação apresentados em 2002.

De acordo com o estudo da Coface Mope, a viragem de ano não trouxe melhores notícias. Tanto em Janeiro como em Fevereiro de 2004, as acções de falência sofreram acréscimos, respectivamente, de 25,11% (294 acções) e 24,29% (220 acções), em relação aos meses homólogos de 2003. A requisição de falência foi, do conjunto de acções, a que mais subiu (287% em Janeiro e 118% em Fevereiro). Pelo contrário, as declarações de falência desceram nos dois primeiros meses do ano.

Sectores de Actividade

Em 2003, a indústria transformadora foi a mais atingida, apesar de se ter verificado um ligeiro decréscimo no número de empresas em dificuldade face a 2002, ao passar de 285 para 279, ou seja menos 2%. Segue-se o comércio por grosso e a construção. Contudo, entre 2002 e 2003, assistiu-se a um acréscimo significativo nos sectores da hotelaria e restauração que em 2003 registou 25 falências, contra apenas 12, no ano anterior. Também no segmento dos

⁴ Instituto de Emprego e Formação Profissional (2004), Informação Mensal do Mercado de Emprego, Março 2004, n.º 3

⁵ Departamento de Marketing e Comunicação da Coface Mope – Serviços de Informação e Gestão de Cobranças, S.A., Estudo sobre Falências em Portugal, 1º Semestre de 2003 vs. 2002

transportes e comunicações, se verificou um acréscimo, ao passar de 32 empresas em 2002, para 66 em 2003⁶.

Em 2004, o ano começou particularmente mal para a construção. Em Janeiro, houve 17 empresas a cessarem a sua actividade, quando no mês homólogo de 2003, esse número foi inferior a metade. Em Fevereiro, a situação melhorou com sete empresas a falirem. De acordo com a Associação de Empresas de Construção e Obras Públicas (AECOPS), o sector da construção está a atravessar um período difícil desde 2002. Existem 45 mil empresas de construção no mercado e, em 2003, faliram 102 empresas⁷. No sector da indústria, em 2003, fecharam as portas 281 empresas, número ao qual se somam as 37 que faliram este ano.

Segundo os dados fornecidos pelo estudo da Federação dos Sindicatos dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios, Vestuário, Calçado e Peles de Portugal⁸ (FESETE), os sectores têxtil, de vestuário e calçado, um dos mais fortes pilares da indústria transformadora em Portugal, perderam 90.000 empregos entre 1990 e 2000. Numa década, a actividade viu-se, assim, reduzida de 24% da força de trabalho, o que teve, de acordo com a FESETE, um impacto proporcional sobre a produção final dada a introdução de novas tecnologias que substituem o trabalho físico. De acordo com o Gabinete de Estudos da Federação Sindical, os números mostram que, entre 1990 e 2000, o número de trabalhadores sectorial caiu de 374.000 para 283.000. A quebra mais significativa deu-se na área do têxtil tradicional, com o volume de emprego a passar de 167.000 trabalhadores para 96.000. O sector do vestuário perdeu cerca de 10.000 trabalhadores, para 127.000, e o calçado registou uma diminuição semelhante, para 60.000 trabalhadores.

De acordo com os dados do Observatório Têxtil, o sector terminou o ano de 2003 com menos de 200.000 trabalhadores⁹.

Outro dado a que a FESETE¹⁰ chegou tem a ver com a dimensão das empresas. A tendência, segundo os dados fornecidos, aponta no sentido da substituição das grandes empresas por empresas mais pequenas. As chamadas micro ou pequenas empresas (com menos de 49 trabalhadores) representavam, em 2000, 89% do total, contra os 80% de 1990. A FESETE afirma, ainda, ter registado, entre 2000 e 2003, 279 empresas que passaram dificuldades de natureza diversa. De um total de 206 empresas que encerraram, a FESETE destaca o facto de 15.000 pessoas terem ficado desempregadas e 107 empresas terem deixado salários em atraso no valor de 6 milhões de euros e indemnizações por pagar que ascendem a 53 milhões de euros.

Regiões

Por regiões, o Porto foi a zona mais atingida, com um total de 303 empresas falidas, seguindo-se Lisboa, com menos 254 empresas. Compõem a lista das regiões mais afectadas: Braga (171), Aveiro (115), Leiria (64), Santarém (59), entre outras. Apenas uma região escapou incólume – Angra do Heroísmo, com zero¹¹. A maioria dos empresários invocam como principais causas para o encerramento da produção a quebra nas encomendas e os custos de produção. Contudo, a maioria das empresas, sobretudo multinacionais, quando saem de Portugal optam por localizar novas unidades em países onde a mão-de-obra é mais barata.

De facto, nos últimos tempos têm-se multiplicado de forma preocupante os casos de encerramento de empresas, os despedimentos colectivos, a redução de pessoal por deslocalizações ou reestruturações. Os exemplos são diários e abrangem diversos sectores de actividade. São os sectores têxtil, vestuário e calçado, sector eléctrico e electrónico, sector

⁶ Matias, Leonor (2004), “Falências dispararam e atingem máximo da década” in *Diário de Notícias*, 10 de Janeiro de 2004

⁷ Almeida, Cátia (2004), “Portugal lidera falências” in *Diário de Notícias*, 27 de Março de 2004

⁸ FESETE (2003), “As mutações nas Indústrias Têxtil, do Vestuário e do Calçado em Portugal – 1990/ Abril de 2003” in *FESETE*, Porto, 2003

⁹ Cardoso, Margarida (2004), “Annus horribilis” in *Expresso*, 17 de Abril de 2004

¹⁰ FESETE (2003), “As mutações nas Indústrias Têxtil, do Vestuário e do Calçado em Portugal – 1990/ Abril de 2003” in *FESETE*, Porto, 2003

¹¹ Matias, Leonor (2004), “Falências dispararam e atingem máximo da década” in *Diário de Notícias*, 10 de Janeiro de 2004

automóvel, sector alimentar, sector energético, etc. A luta e a denúncia dos trabalhadores têm permitido que alguns desses casos tenham ganho dimensão pública e atraído a atenção da comunicação social.

Em 2003, o sector dos têxteis foi o mais afectado. No fim de 2001, o último ano com dados oficiais do Instituto Nacional de Estatística (INE), o sector contava com 225.873 trabalhadores, o que traduzia um decréscimo de 10 mil (4%) em relação aos 235.606 registados em 2000. Em Novembro de 2003, segundo o índice mensal divulgado pelo INE, o sector têxtil manteve uma queda homóloga de 8%, o dobro da média da indústria. Os dados preliminares relativos a 2002 referem 213 mil trabalhadores - 94.129 na indústria têxtil e 118.826 no vestuário.

Os casos de falências e de reestruturações

A fusão das marcas bancárias é o último passo para o processo de concentração que nos últimos anos decorre entre os principais bancos portugueses. Assim, a redução de funcionários no *Millennium BCP* é justificada na sequência do processo de unificação das marcas Sottomayor, Atlântico e Nova Rede¹².

No primeiro semestre de 2003 saíram do BCP cerca de 400 funcionários, através de rescisões de contrato e reformas. Dos mil funcionários que vão sair do grupo, até Dezembro de 2004, um terço sairá dos serviços centrais e dois terços da rede de balcões. Dos funcionários das agências, 10% estão em idade de reforma e 90% dos casos correspondem a reformas antecipadas.

Com a unificação, o grupo passará a investir menos 25% em publicidade e prevê ganhos de 97 milhões de euros nos próximos três anos.

Em 2003, a EDP volta a desenvolver o seu plano de redução de efectivos¹³. A empresa foi confrontada com a paralisação do seu processo de emagrecimento devido às reticências da Entidade Reguladora do Sector Energético (ERSE) em aceitar a repercussão dos custos desta reestruturação nas tarifas pagas pelo consumidor final. Em Agosto de 2003, o impasse acabou por ser desbloqueado, o que permitiu à EDP retomar as rescisões. Até ao fim de 2004, cerca de 1.500 funcionários serão despedidos, e do custo total deste plano, que a empresa não divulga, 485 milhões de euros poderão ser repercutidos nas tarifas eléctricas dos consumidores.

Além de dar maior competitividade à EDP, preparando-a para o mercado Ibérico, esta redução de efectivos permite rejuvenescer a eléctrica.

A EDP afirma que o despedimento será efectuado através de reformas antecipadas e rescisões por mútuo acordo.

A *Carris*, devido ao fecho da sua estação de Cabo Ruivo no final de 2003, espera reduzir o número de trabalhadores em 1.200 a 1.300 efectivos até ao final de 2005¹⁴. Com esta redução, a Carris espera obter poupanças de 25% com pessoal. Para a administração da Carris, a reestruturação visa tornar a empresa mais produtiva e mais autónoma face à compensação financeira do Estado e aos empréstimos bancários.

O grupo *Melka Confecções*, de capitais suecos e implantada em Portugal desde 1960, que em 1996, empregava cerca de 1.100 trabalhadores, encerrou em Fevereiro de 2004¹⁵. Depois do fecho das unidades de Évora (200 trabalhadores), Palmela (200 trabalhadores) e Sulim (100 trabalhadores), seguiu-se a unidade do Cacém, que em 1996, no âmbito de uma reestruturação, despediu mais de 300 trabalhadores.

A Rússia foi o destino escolhido pela multinacional sueca.

Esta medida afectou 280 postos de trabalho.

O grupo têxtil conseguiu, no entanto, chegar a acordo com o sindicato relativamente às condições em que decorreram os despedimentos colectivos. No âmbito desse acordo, os trabalhadores tiveram um aumento salarial de 3% em Janeiro, o que elevou o montante das

¹² Nunes, Catarina e Isabel Vicente (2003), "BCP dispensa 1000" in *Expresso*, 9 de Agosto de 2003

¹³ Público/ Agências (2003), "EDP quer cortar até 2.000 postos de trabalho" in *Público*, 17 de Outubro de 2003

¹⁴ Cerejo, José António (2003), "Carris vai fechar Estação de Cabo Ruivo e desactivar parte de Santo Amaro" in *Público*, 1 de Julho de 2003

¹⁵ Almeida, Cátia (2003), "Melka fecha unidade de Sintra e despede cem trabalhadores" in *Diário de Notícias*, 7 de Outubro de 2003

indemnizações. Por outro lado, as indemnizações foram calculadas com base na retribuição total e não apenas nos salários, dado que a Melka paga aos seus funcionários prémios de produção consideráveis. O acordo previu ainda que a indemnização aos trabalhadores fosse majorada com dois meses de salário.

As razões invocadas pela administração da empresa apontam para a falta de competitividade e para a diminuição da carteira de encomendas, referindo que as vendas caíram 40% nos últimos cinco anos. A justificar estas razões, a administração salientou ainda que os custos de produção em Portugal são superiores aos praticados noutros pontos do mundo, nomeadamente no Leste europeu e no Extremo Oriente. Contudo, o Sindicato dos Trabalhadores Têxteis, Lanifícios e Vestuário do Sul alega que o verdadeiro motivo é a deslocalização para países do Leste europeu e Extremo Oriente, onde a mão-de-obra é mais barata, referindo que «A Melka, que chegou a facturar em Portugal 35 milhões de euros, está a implantar-se na Indonésia, China, Vietname e Polónia, com o objectivo de aumentar os seus lucros, já que a mão-de-obra nesses países é mais barata. Em termos cronológicos, em 1996 a Melka encerrou a unidade de Évora e reestruturou as unidades do Cacém e Sulim. Em 2002, fechou a fábrica de Palmela e em 2003 anunciou a saída definitiva de Portugal»¹⁶. Esta decisão pôs termo a 43 anos de existência da Melka no mercado nacional.

Em Dezembro de 2003, a TAP despediu cerca de 400 funcionários¹⁷. A maioria dos funcionários abandonou a companhia aérea por mútuo acordo, outros por limite de idade, ou por terem atingido 40 anos de desconto para a Segurança Social. Em 2004, a TAP pretende reduzir o seu número de colaboradores em 200 pessoas, sobretudo através de reformas. No final de 2004, a transportadora deverá contar com uma equipa de 7.920 trabalhadores, face aos actuais 8.120.

A empresa canadiana *Bombardier, ex-Sorefame*, a maior fabricante mundial de comboios, reduziu 6.600 trabalhadores e encerrou sete fábricas na Europa¹⁸. Em Portugal, a empresa despediu 400 trabalhadores e cessou a produção na Amadora em Maio de 2004, mantendo apenas cerca de cem postos de trabalho relacionados com os centros de competência locais das divisões presentes em Portugal, de metros ligeiros e metropolitanos, para efectuar o apoio aos clientes locais. Segundo a administração, a empresa não vai recorrer ao despedimento colectivo mas optar por rescisões dos contratos por mútuo acordo com “condições especiais”. A razão desta medida deveu-se à falta de encomendas de material de transporte ferroviário nos próximos 3 a 5 anos. Calcula-se em mais 500 a 1.000 o número de postos de trabalho em risco, após o fecho da fábrica, sobretudo em empresas fornecedoras de subconjuntos e de serviços.

Todavia, a fábrica da Bombardier vai ser reconvertida para reabrir em Setembro de 2004. O acordo para a manutenção da unidade foi alcançado no dia 11 de Junho de 2004, entre o ministro dos Transportes, o presidente da Bombardier Transportation e o presidente da CP. A resolução do problema passa pela definição de um plano director global que vise a reconversão daquele terreno para a criação de um pólo industrial e tecnológico. O primeiro passo desta reconversão passa pela utilização de uma parcela das instalações da Bombardier por parte da EMEF para a produção e manutenção de material circulante a partir de Setembro. Com este acordo, a Bombardier mantém a sua presença na fábrica da Amadora, através de parcerias que irá estabelecer futuramente com a CP/EMEF¹⁹.

A CP espera, assim, iniciar a produção dos vagões para a Bósnia nas instalações da Bombardier durante o primeiro trimestre de 2005²⁰.

A reestruturação global do grupo representa 18,5% da força de trabalho na área da construção de material de transporte. Em 2003, a Bombardier Portugal facturou 163,3 milhões de euros²¹.

¹⁶ Entrevista realizada no dia 13 de Janeiro de 2004, ao dirigente sindical, Sr. António Marques

¹⁷ Matias, Leonor (2003), “TAP emagrece com 400 saídas até final do ano” in *Diário de Notícias*, 3 de Dezembro de 2003

¹⁸ Cipriano, Carlos e Inês Sequeira (2004), “Bombardier fecha única fábrica de comboios em Portugal” in *Público*, 18 de Março de 2004

¹⁹ Matias, Leonor (2004), “Bombardier da Amadora vai reabrir em Setembro” in *Diário de Notícias*, 12 de Junho de 2004

²⁰ Matias, Leonor (2004), “Produção ferroviária regressa à Amadora no início de 2005” in *Diário de Notícias*, 14 de Julho de 2004

²¹ Cipriano, Carlos e Inês Sequeira (2004), “Bombardier fecha única fábrica de comboios em Portugal” in *Público*, 18 de Março de 2004

A *Delphi* vai encerrar a fábrica de cablagens automóveis do Linhó até ao final de Dezembro de 2004, lançando no desemprego cerca de 1.000 trabalhadores, os quais vão ser despedidos através de rescisões por mútuo acordo²².

Os responsáveis da empresa admitiram que por decisão da casa-mãe, as encomendas têm sido transferidas para as fábricas da Polónia e da República Checa.

A *Delphi* está em Portugal desde 1980 e tem actualmente seis unidades fabris em Portugal. No total, emprega cerca de 5.000 pessoas nas fábricas do Linhó, Castelo Branco, Guarda, Ponte de Sôr, Seixal e Braga.

Apresenta-se, de seguida, um quadro geral com a totalidade das reestruturações ocorridas em Portugal, de Julho de 2003 a Março de 2004:

Fonte	Data	Empresa	Sector	N.º Despedimentos
O Primeiro de Janeiro	6-7-2003	Jorgen Mortensen	Indústria Vidreira	152
Correio da Manhã	7-7-2003	Nova Penteação	Têxtil	360
Diário Económico	9-7-2003	Fidelidade-Mundial	Banca	100
Diário de Notícias	25-7-2003	RTP	Televisão	200
Jornal de Notícias	6-8-2003	Lebijon	Têxtil	100
Público	8-8-2003	Coltemplo	Construção	250
Expresso	9-8-2003	BCP	Banca	300 – 1700
Público	20-8-2003	V. Carneiro & A Rafael	Têxtil	140
Diário de Notícias	4-9-2003	Entrepasto Lisboa	Automóvel	250
Diário Económico	6-10-2003	SIC	Televisão	100
Diário de Notícias	7-10-2003	Melka	Têxtil	100
O Primeiro de Janeiro	12-10-03	Baiona	Têxtil	200
Público	17-10-03	Docapesca Lisboa	Pesca	138
Público	23-10-03	Cometna	Metalúrgico	161
Público	24-10-03	EDP	Energia	1300 – 2000
Correio da Manhã	1-11-2003	PT	Telecomunicações	1500 – 1600
Diário Económico	3-11-2003	ANA	Transportes	400
Diário de Notícias	3-12-2003	TAP	Transportes	400
Público	9-12-2003	Carris	Transportes	1200
Público	19-12-03	Fino's	Têxtil	260
Diário de Notícias	19-12-03	Melka	Têxtil	280
Diário de Notícias	11-1-2004	Decantconfex	Têxtil	220
Diário Económico	14-1-2004	Brax	Têxtil	450
Diário de Notícias	20-1-2004	TAP	Transportes	200
Público	11-2-2004	Finex	Têxtil	350
Público	9-3-2004	Tarf	Têxtil	200
Público	18-3-2004	Bombardier	Ind. Ferroviária	400
Jornal de Notícias	22-3-2004	Delphi	Automóvel	1000
O Primeiro de Janeiro	24-3-2004	Gamic	Têxtil	150

²² Lopes, Ricardo (2004), “Delphi despede mil” in *Jornal de Notícias*, 22 de Março de 2004

O desemprego, a deslocalização, o patronato e os sindicatos

As empresas dos sectores do têxtil e calçado portuguesas apostaram, nos últimos anos, em estratégias de internacionalização das suas produções, criando sistemas que originaram uma reorientação das relações de subcontratação. De um país subcontratado, Portugal está gradualmente a transformar-se num país que subcontrata, deixando para trás uma imagem tradicionalmente associada aos sectores do têxtil e calçado. A viragem das empresas portuguesas para o exterior, na procura de uma maior flexibilização dos processos produtivos, deu-se recorrendo à deslocalização e à subcontratação em países do Extremo Oriente, Europa de Leste, África e América do Sul²³.

Para a associação do calçado (APICCAPS), a subcontratação e a deslocalização têm sido uma forma de responder às novas exigências de um mercado cada vez mais global. Maior proximidade com os fornecedores e clientes finais, mão-de-obra mais barata, preços competitivos e legislações laborais mais favoráveis estão entre as razões apresentadas pelos empresários do calçado. As mesmas razões subsistem entre a Indústria Têxtil e Vestuário (ITV). *Maconde e Impetus* no sector da confecção, e *Planitoi e Aco – Fábrica de Calçado*, no calçado, são alguns dos exemplos de empresas nacionais que há algum tempo redefiniram as suas estratégias de produção, optando por recorrer à subcontratação no exterior e em Portugal, e por deslocalizar as suas produções para outros países. Roménia, Marrocos, Cabo Verde e Brasil estão entre os países escolhidos por estas empresas²⁴.

A Polónia é cada vez mais um mercado de eleição, onde Portugal é o 16º investidor estrangeiro. Entre as 22 empresas nacionais que lá estão instaladas, já existem investimentos portugueses de monta, nomeadamente do *Millennium BCP*, *Grupo Jerónimo Martins*, *Simoldes*, *Amorim*, *Colep* e *Mota-Engil*. Neste mercado, 2001 foi o ano de ouro do investimento português – 488,2 milhões de euros. Na Hungria, a *PT* pretende reforçar a sua presença, sendo um sério candidato à privatização da Antenna Telecom, prevista para este ano. A Roménia tem vindo a ganhar importância nas intenções de investimento português, encontrando-se já instaladas perto de 90 empresas dos mais diversos sectores. Na Bulgária, a *Moniz da Maia* está envolvida num grande empreendimento em curso na área da concessão de auto-estradas²⁵.

A canalização de fundos comunitários para estes países está na origem do crescente interesse dos investidores estrangeiros, muitos com uma presença forte. A mão-de-obra barata e qualificada, aliada aos baixos custos de produção, são encarados como argumentos de peso para a deslocalização de investimentos. Existem várias formas de instalação e uma estratégia alternativa que tem sido adoptada por empresas portuguesas passa pela associação empresarial para a fixação de pontos de venda comuns dos seus produtos – é o caso da *Portugal Shoes* na Polónia, um conjunto de fabricantes nacionais de calçado que se associaram para criar uma rede de distribuição²⁶.

O patronato, relativamente ao fenómeno da “deslocalização” de unidades de produção existentes em Portugal para regiões de menores custos de mão-de-obra, insistiu sobre uma organização de trabalho muito flexível, a criação de pequenas e médias empresas especializadas no domínio dos serviços e empresas necessários aos novos desafios, a descentralização da negociação colectiva, o desaparecimento de obstáculos à admissão e ao despedimento de trabalhadores e a maior flexibilidade possível de salários²⁷.

²³ Lima, Ana Paula (2003), “Calçado e têxtil invertem relações de subcontratação” in *Diário Económico*, 17 de Dezembro de 2003

²⁴ Lima, Ana Paula (2003), “Calçado e têxtil invertem relações de subcontratação” in *Diário Económico*, 17 de Dezembro de 2003

²⁵ Bordeira, Hugo e Leonor Matias (2004), “Empresas portuguesas apontam para Leste” in *Diário de Notícias*, 21 de Fevereiro de 2004

²⁶ Bordeira, Hugo e Leonor Matias (2004), “Empresas portuguesas apontam para Leste” in *Diário de Notícias*, 21 de Fevereiro de 2004

²⁷ Martins, Amândio (1995), “A OCDE e a questão do emprego/ desemprego” in *Cadernos de Emprego*, Direcção-Geral do Emprego e Formação Profissional

De uma maneira geral e, de acordo com as associações sindicais – CGTP e UGT – a evolução negativa do emprego e do desemprego reflecte problemas estruturais, problemas que se acumularam ao longo de vários anos e que agora são mais evidentes devido à grave situação económica que vivemos. Esta evolução “é o resultado da insistência na aplicação de um modelo de desenvolvimento assente em baixos salários, baixas qualificações e forte exploração da mão-de-obra; é o resultado de políticas que não apostaram no sector produtivo, na qualificação, na inovação, na organização das empresas; é o resultado de modelos de gestão empresarial de vistas curtas, orientadas para os lucros fáceis; é o resultado, enfim, das políticas económicas seguidas por sucessivos governos”²⁸.

Bibliografia

- ALMEIDA, Cátia (2003), “Melka fecha unidade de Sintra e despede cem trabalhadores” in Diário de Notícias, 7 de Outubro de 2003
- ALMEIDA, Cátia (2004), “Portugal lidera falências” in Diário de Notícias, 27 de Março de 2004
- ARAÚJO, Pedro (2004), “Empresas despediram mais de 100 mil em 2003” in Jornal de Notícias, 15 de Fevereiro de 2004
- BORDEIRA, Hugo e Leonor MATIAS (2004), “Empresas portuguesas apontam para Leste” in Diário de Notícias, 21 de Fevereiro de 2004
- CARDOSO, Margarida (2004), “Annus horribilis” in Expresso, 17 de Abril de 2004
- CARTAXO, José Ernesto (2004), “O emprego no centro das preocupações” in 10º Congresso da CGTP-IN, 30 e 31 de Janeiro de 2004
- CEREJO, José António (2003), “Carris vai fechar Estação de Cabo Ruivo e desactivar parte de Santo Amaro” in Público, 1 de Julho de 2003
- CIPRIANO, Carlos e Inês SEQUEIRA (2004), “Bombardier fecha única fábrica de comboios em Portugal” in Público, 18 de Março de 2004
- Departamento de Marketing e Comunicação da Coface Mope – Serviços de Informação e Gestão de Cobranças, S.A, Estudo sobre Falências em Portugal, 1º Semestre de 2003 vs. 2002
- Entrevista realizada no dia 13 de Janeiro de 2004, ao dirigente sindical, Sr. António Marques
- FESETE (2003), “As mutações nas Indústrias Têxtil, do Vestuário e do Calçado em Portugal – 1990/ Abril de 2003” in FESETE, Porto, 2003
- INSTITUTO DE EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL (2004), Informação Mensal do Mercado de Emprego, Março 2004, n.º 3
- LIMA, Ana Paula (2003), “Calçado e têxtil invertem relações de subcontratação” in Diário Económico, 17 de Dezembro de 2003
- LOPES, Ricardo (2004), “Delphi despede mil” in Jornal de Notícias, 22 de Março de 2004
- MARTINS, Amândio (1995), “A OCDE e a questão do emprego/ desemprego” in Cadernos de Emprego, Direcção-Geral do Emprego e Formação Profissional
- MATIAS, Leonor (2003), “TAP emagrece com 400 saídas até final do ano” in Diário de Notícias, 3 de Dezembro de 2003

²⁸ Cartaxo, José Ernesto (2004), “O emprego no centro das preocupações” in 10º Congresso da CGTP-IN, 30 e 31 de Janeiro de 2004

MATIAS, Leonor (2004), “Falências dispararam e atingem máximo da década” in Diário de Notícias, 10 de Janeiro de 2004

MATIAS, Leonor (2004), “Bombardier da Amadora vai reabrir em Setembro” in Diário de Notícias, 12 de Junho de 2004

MATIAS, Leonor (2004), “Produção ferroviária regressa à Amadora no início de 2005” in Diário de Notícias, 14 de Julho de 2004

NUNES, Catarina e Isabel VICENTE (2003), “BCP dispensa 1000” in Expresso, 9 de Agosto de 2003

PÚBLICO/ AGÊNCIAS (2003), “EDP quer cortar até 2.000 postos de trabalho” in Público, 17 de Outubro de 2003